

Antigas sagas e canções; o despertar de Nietzsche para a estética romântica em Pforta

Ancient sagas and songs; the awakening of Nietzsche in Pforta to romantic aesthetics

Anna Hartmann Cavalcanti¹

Resumo

No semestre de inverno de 1862-1863, quando cursava a última série do ginásio na célebre escola Pforta, o jovem Friedrich Nietzsche dedicou-se à leitura de escritos de A.W. Schlegel, entre os quais *Lições sobre belas letras e arte* e o ensaio *Bürger*, tendo elaborado um excerto sobre ambos os textos. Nessa escola, foi aluno de um dos mais significativos historiadores do romantismo alemão, August Koberstein, que fez comentários elogiosos sobre os textos acima mencionados, o que certamente contribuiu para despertar o interesse do jovem. Pretendo, neste artigo, a partir da análise da dinâmica de ensino em Pforta articulada às aulas e à ementa do curso de Koberstein, reconstruir a história desse excerto, a fim de mostrar como não apenas seu conteúdo, mas também a rede de eventos na qual está inserido abrem um amplo horizonte para elucidar a recepção de Nietzsche do primeiro romantismo alemão.

Palavras-chave: Nietzsche. A.W. Schlegel. August Koberstein. Primeiro romantismo alemão. Pforta.

Abstract

In the winter semester of 1862-1863, while attending the last year of high school at the famous Pforta school, young Friedrich Nietzsche dedicated himself to reading AW Schlegels writings, including *Lectures on Literature and Art* and the essay *Bürger*, having prepared an excerpt of both texts. In this school, he was a student of one of the most significant historians of German romanticism, August Koberstein, who spoke highly of the aforementioned texts, which certainly contributed to pique the interest of the young man. I intend, in this article, to reconstruct the history of this excerpt from the analysis of the teaching dynamics in Pforta, articulated in the classes and the syllabus of Koberstein's course, in order to show how not only its content, but the series of events in which it is inserted, open a wide horizon to clarify Nietzsche's reception of the early German romanticism.

Keywords: Nietzsche. A.W. Schlegel. August Koberstein. Early German romanticism. Pforta.

¹ Doutora pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: anna.hart.cav@gmail.com.br.

Introdução

No semestre de inverno de 1862-1863, quando cursava a última série do ginásio na célebre escola Pforta, o jovem Friedrich Nietzsche elaborou um excerto sobre os *Kritische Schriften* de August Wilhelm Schlegel, debruçando-se especialmente sobre dois textos: um artigo contendo parte das *Lições sobre belas letras e arte*, ministradas em Berlim em 1802, e o ensaio *Bürger*, nos quais Schlegel expôs as principais teses da escola romântica, especialmente a sua teoria da arte.² Os excertos dessa época, como observaram Johann Figl e Hans Gerald Hödl³, eram compostos a partir de obras de história ou história da literatura e constituíam um material produzido de forma independente por Nietzsche, indicando os autores pelos quais se interessava e a forma muito particular como os recebia. No que diz respeito especificamente ao excerto sobre Schlegel, os textos produzidos por Nietzsche no período fornecem pouco material que se relacione diretamente a essas leituras e que nos permita compreender de forma mais detalhada o interesse do jovem pela estética romântica. Assim, o conjunto de textos que dispomos sobre a juventude de Nietzsche, sob a forma de relatos autobiográficos, trabalhos escolares, escritos independentes, excertos, experimentos poéticos e musicais, precisa ser articulado com a atmosfera pedagógica e intelectual vivida pelo jovem em Pforta se quisermos elucidar como nasce seu interesse pela estética romântica e como tal interesse se expressa em seus próprios textos.

Nietzsche foi aluno de um dos mais conceituados historiadores da escola romântica, Karl August Koberstein, que lecionou em Pforta por mais de 50 anos e dedicou-se durante todo esse período a uma detalhada pesquisa sobre a história da literatura alemã.⁴ Em 1827, publicou um livro sobre o tema, voltado especificamente para professores e alunos dos cursos ginasiais, que foi sendo continuamente ampliado e enriquecido até formar, em 1866, uma obra em três volumes que tratava a história da literatura alemã dos tempos mais antigos até o início do século XIX.⁵ O fato de seu livro, que era também o material de referência de seus cursos de alemão em Pforta, ter sido elaborado ao longo de décadas de atividade docente, permite estabelecer uma estreita ligação entre suas aulas e o conteúdo da obra. Se consideramos que Nietzsche

² O ensaio *Bürger* e o artigo relativo às *Lições*, cujo título era “Sobre a relação das belas artes com a natureza; sobre ilusão e verossimilhança; sobre estilo e mania”, foram publicados no segundo volume de uma coletânea composta de artigos e resenhas críticas. Cf. August Schlegel, *Kritische Schriften*. vol. 2, G. Reimer: Berlin, 1828. Nietzsche manteve, em seu excerto, o mesmo título utilizado por Schlegel (KGWI, 3, p. 103-106). No presente artigo, as traduções das citações de Nietzsche e dos demais autores, salvo indicação, são de minha autoria.

³ Cf. o prefácio dos editores às obras completas do período de juventude In: KGW I, 2, p. VI.

⁴ Cf. BEHLER, 1978, p. 70. Ver, ainda, o artigo de FIGL, 2003.

⁵ KOBERSTEIN, August. *Grundriss zur Geschichte der deutschen Nationalliteratur* [Compêndio de história da literatura nacional alemã], 1ª edição, 1827; 2ª edição, 1830; 3ª edição revisada e ampliada, 1837; 4ª edição revisada e ampliada, volume 1, 1847; volume 2, 1856; volume 3, 1866.

ingressou em Pforta em 1858 e concluiu seus estudos em 1864, podemos deduzir que o período de seus estudos coincide com a época em que Koberstein reunia material para suas pesquisas, cujo resultado final seria publicado no último volume de seu livro, em 1866.

A respeito das *Lições sobre belas letras e arte*, ministradas por Schlegel, August Koberstein (1866, p. 2257) comentou que foram frequentadas por um público considerável e contribuíram significativamente para o prestígio e divulgação das concepções românticas em Berlim. O ensaio *Bürger*, por sua vez, foi por Koberstein (1866, p. 2329) considerado “como a mais feliz” expressão da crítica estética romântica. Os comentários elogiosos de seu professor certamente contribuíram para que Nietzsche lesse cuidadosamente tais escritos, nos quais Schlegel deu expressão às ideias diretoras do primeiro romantismo alemão, e elaborasse a partir deles um conjunto de anotações. Se é possível vincular o interesse do jovem por esse tema ao curso de alemão de Koberstein e do contato com seu professor, compreender de modo mais preciso tal interesse supõe ampliar o círculo de indagações, procurando esclarecer, além do mencionado curso, o horizonte mais amplo do ensino em Pforta. Dessa perspectiva, cabe indagar, de forma geral, como a tradição humanista associada à escola se traduz no ensino e nas disciplinas que compõem sua grade e, de forma específica, indagar em que consistia a ementa do curso de alemão e sua bibliografia de apoio, quais seriam os temas de trabalho ligados à disciplina, se o excerto teria sido motivado por algum trabalho escolar ou, ao contrário, expressaria uma iniciativa do próprio Nietzsche. Assim, articulando a dinâmica de ensino em Pforta com as aulas e a ementa do curso de Koberstein, o presente trabalho busca reconstruir a história desse excerto, a fim de mostrar como não apenas seu conteúdo, mas também as condições nas quais foi escrito abrem um amplo horizonte para elucidar a recepção de Nietzsche do primeiro romantismo alemão.⁶

A reconstrução aqui proposta será elaborada em três momentos: 1. A partir da análise da documentação disponível sobre Pforta, pretende-se esclarecer o modo como estava organizado o ensino, quais disciplinas compunham a grade escolar e a significação do chamado estudo independente dos alunos; 2. Pretende-se destacar, no interior da grade escolar, a disciplina de alemão, à qual o excerto de Nietzsche estava ligado, assim como a série que

⁶ Cabe salientar que o interesse de Nietzsche pelos escritos de August Schlegel, testemunhado por essas anotações cuja história o presente artigo visa reconstruir, permaneceu vivo nos anos seguintes, estendendo-se a todo o período de elaboração de sua primeira obra. Para uma detalhada análise do excerto de Nietzsche sobre as *Lições sobre belas letras e artes* e seus desdobramentos em “A visão dionisíaca de mundo” conferir os seguintes artigos de minha autoria: CAVALCANTI, 2008a, especialmente p. 50-63, e 2008b, p. 360-365. E para uma análise do excerto de Nietzsche relativo ao ensaio *Bürger* e seus desdobramentos em *O nascimento da tragédia*, cf. CAVALCANTI, 2017, especialmente p. 126-146.

cursara ao elaborá-lo, examinando sua ementa, bibliografia de referência e o acervo da biblioteca no período; 3. Pretende-se, considerando o período de setembro de 1862 a abril de 1863, no qual o excerto foi elaborado, estabelecer pontos de contato entre os textos produzidos por Nietzsche e os temas tratados nas aulas de alemão, recorrendo, para isso, à análise de capítulos específicos do livro de Koberstein. O entrecruzamento desse conjunto de aspectos visa, por fim, a esclarecer o despertar de Nietzsche para a estética romântica.

O horizonte pedagógico em Pforta

Na época de Nietzsche, e ainda durante um longo tempo, o ensino de Pforta destacava-se pela ênfase na tradição humanista, estabelecendo como núcleo central de sua formação o estudo da Antiguidade, sem deixar, no entanto, de dedicar uma especial atenção ao estudo da língua e da literatura alemã clássica. Seus alunos adquiriam um conhecimento notável dos principais autores da Antiguidade, aprendendo a lê-los e comentá-los com tal rigor filológico que sua formação, nesse domínio, ultrapassava o nível das demais escolas alemãs (JANZ, 1984, p. 53-55).⁷ Essa especificidade aparece no modo como a escola descreve seus objetivos e como detalha, em seu regimento, os critérios de admissão de alunos: diferentemente da formação básica oferecida pelas escolas públicas, o objetivo era a preparação para a universidade e as carreiras eruditas, devendo o candidato ter “indubitável aptidão e resoluta capacidade para estudos de alto nível” (BOHLEY, 1976, p. 298). A maioria dos alunos de Pforta, sendo esse o caso de Nietzsche, estudava em regime de internato, morando no alojamento da escola e dispondo de um tutor que cuidava de seu bem-estar e saúde, administrava sua mesada e mantinha frequente contato com os pais. O tempo integral de formação era de seis anos, estando o ensino organizado em três séries ginasiais, as chamadas terceira, segunda e primeira, cada uma subdividida em inferior e superior. O aluno iniciava seus estudos na terceira série inferior, avançava para a terceira superior e permanecia em cada série um ano. Assim, por exemplo, a primeira série, subdividida em inferior e superior, foi cursada por Nietzsche no período de outubro de 1862 a outubro de 1864, correspondendo aos dois últimos anos escolares. As disciplinas obrigatórias eram latim, grego, alemão, francês, hebraico, religião, matemática, história, geografia, física, além de aulas de desenho, canto e esportes. Durante muitos anos,

⁷ Para um interessante estudo sobre esse tema ver BROBJER (1999, p. 310-311). O autor argumenta que o método de crítica histórica adotado em *Pforta*, e que desempenhou um importante papel para que Nietzsche se distanciasse do cristianismo, era também ensinado no *Domgymnasium*, colégio que o jovem estudara no período anterior. A partir da análise de cartas e documentos de época, o autor mostra que um dos aspectos que diferenciava Pforta era o grau de formação de seus professores, a grande maioria com o título de doutor, já que o conteúdo do ensino e a carga horária eram equivalentes nas duas escolas.

como observou Heumann (1994, p. 191), manteve-se o costume de inserir entre duas disciplinas obrigatórias uma hora inteiramente dedicada a exercícios, na qual o aprendizado dos alunos mais novos era coordenado pelos mais velhos.

A ênfase no estudo da Antiguidade, acima mencionada, torna-se visível pela primazia atribuída às aulas de latim e grego: enquanto a carga horária destinada a cada uma dessas disciplinas era respectivamente 10 e 6 horas por semana, era reservado às demais disciplinas, como matemática, alemão e história, 4, 3 ou 2 horas semanais (BOHLEY, 1976). A preponderância do latim, em especial, era visível no próprio cotidiano da escola, já que era a língua falada durante as aulas das matérias clássicas, nos discursos das festividades escolares e, até o início da década de 60, de parte considerável das monografias de conclusão de curso, como a de Nietzsche, dedicada ao poeta antigo Teógnis (HEUMANN, 1994). Foi mérito de Koberstein, com suas aulas sobre a língua alemã antiga, as sagas germânicas e a literatura, elevar o ensino de língua alemã em Pforta a um nível de excelência, valorizando tanto a literatura nacional quanto as obras clássicas.⁸ Vários trabalhos sobre temas ligados à história da literatura alemã foram desenvolvidos sob sua supervisão, inclusive do próprio Nietzsche, como veremos mais adiante.

Ao lado das aulas, e de todas as tarefas a elas ligadas, atribuía-se um grande valor em Pforta ao estudo independente, que consistia em períodos dedicados especialmente à pesquisa individual do aluno, nos quais este podia se exercitar no planejamento e na realização de seu próprio projeto. Havia um período específico reservado a essa atividade, muito estimada pelos alunos, que ocorria duas vezes por mês e era chamada de *Studientag* [*Dia do estudo*]. Nesse dia, em que não havia aula, os alunos podiam acordar mais cedo ou mais tarde que o habitual, conforme sua preferência, e se dedicar a estudos individuais, leituras em grupo ou elaboração de trabalhos maiores. Segundo Heumann (1994, p. 131), era comum na primeira série acordar bem cedo, muitas vezes às 4 horas, a fim de ler e comentar em grupo autores clássicos, sendo tais estudos orientados em geral pelos professores. O reitor Peter, que foi aluno da escola e assumiu o cargo no período de 1856 a 1873, fez a esse respeito um interessante relato: constata, ao assumir a reitoria, que a tradição das leituras independentes continuava em vigor e observa que os alunos mais estudiosos procuravam não ficar restritos às tarefas escolares, mas produzir, por iniciativa própria, algo de significativo.⁹ Assim, se os alunos concluintes, em geral, haviam lido os autores clássicos previstos no programa da escola, tais como Homero e Sófocles, não

⁸ Cf a respeito HEUMANN, 1994, p. 125 e FIGL, 2003, p. 89.

⁹ Cf. Relatório do reitor Peter de 14 de dezembro de 1856. In: Gilman, 1979, p. 401.

era raro que grupos de alunos ampliassem esse círculo de leituras, incluindo também obras de Ésquilo, Aristófanes e Eurípedes.¹⁰

Curso de alemão, ementas, acervo da biblioteca

Do segundo semestre de 1862 ao primeiro semestre de 1863, período em que o excerto foi redigido, Nietzsche cursava a chamada primeira série inferior, cuja ementa do curso de alemão consistia em uma “visão geral da antiga literatura nacional alemã”.¹¹ A obra de Koberstein sobre a história da literatura, como vimos anteriormente, constituía o material de referência de seus cursos, o que é evidenciado de forma interessante pelos relatórios anuais da escola. O exame de tais relatórios no período de 1827 a 1847, que corresponde ao surgimento das quatro edições da obra, mostra como as ementas dos cursos de alemão de Koberstein acompanham o aprofundamento de seu estudo. Durante o período de 1827, ano em que surgiu a primeira edição da obra, até 1837, ano do surgimento de sua terceira edição, era explicitado na ementa que o curso de alemão de Koberstein consistia na exposição da história da literatura alemã segundo sua obra *Grundriss zur Geschichte der deutschen Nationalliteratur* [*Compêndio de história da literatura nacional alemã*]. Após a publicação da terceira e da quarta edição, respectivamente em 1837 e 1847, nas quais o estudo é progressivamente ampliado e enriquecido com novos resultados de pesquisa, desaparece da ementa qualquer referência à obra do autor, ao mesmo tempo em que o conteúdo da ementa passa a estar dividido em duas unidades, uma especificamente dedicada à história antiga da literatura e a outra dedicada à história moderna. A quarta edição, particularmente, composta de três volumes publicados entre 1847 e 1866, dá inteira expressão a esse processo de aprofundamento, já que a história antiga da literatura, à qual inicialmente eram reservados apenas alguns capítulos, passa a preencher o primeiro volume inteiro, e a história moderna, abordada sob novas perspectivas e num período ampliado,

¹⁰ O ginásio prussiano, concebido no horizonte da tradição humanista, no qual se inseria a valorização do estudo independente, sofre uma decisiva mudança no final do século XIX, quando se torna dominante na Alemanha o projeto de uma ampliação dos domínios do conhecimento. O princípio de uma formação geral, que começa a prevalecer a partir de 1880, com a reivindicação de introdução de novas disciplinas, assim como o aumento da carga horária das anteriores, implica uma dinâmica de ensino centrada prioritariamente nas aulas expositivas, o que tem por consequência, em Pforta, a supressão dos dias reservados ao estudo independente. Tais mudanças no sistema de ensino alemão são enfrentadas mais intensamente pelo sucessor de Peter, Wilhelm Herbst, que apesar do curto período que permaneceu na reitoria, de 1873 a 1878, teve o mérito de lutar junto ao ministério e assegurar a manutenção do *Studientag*. Cf, a respeito, HEUMANN, 1994, p. 119; 133 e HEYER, 1943, p. 141.

¹¹ A ementa completa: “Visão geral da antiga literatura nacional alemã e leitura da antologia de Hahn; correção de redações de alemão e exercícios de oratória.” A esse respeito, ver o artigo de Bohley, 1976, p.306, que reúne uma detalhada documentação sobre Pforta relativa aos anos em que Nietzsche aí estudou, contendo passagens do regimento da escola, as matérias que eram ensinadas, acompanhadas de suas ementas, e uma lista dos temas dos trabalhos escolares.

passa a ocupar os dois últimos volumes. De 1858 a 1864, período em que Nietzsche estudou em Pforta, a ementa da primeira série permaneceu dividida em duas unidades, cada ano dedicado a um período da história da literatura. Assim, se o aprofundamento da obra se reflete claramente na mudança das ementas ao longo dos anos, a própria obra se torna um indicativo do conteúdo do curso de Koberstein.¹²

Se consideramos o sumário da quarta edição¹³, que em seu primeiro volume trata da antiga literatura alemã, chega-se a um detalhamento maior do conteúdo do curso correspondente à primeira série inferior: a trajetória literário-cultural alemã é analisada do período que vai dos tempos mais antigos, da migração dos povos à introdução do cristianismo, passando pela tradição oral, as antigas sagas germânicas e sua relação com a canção popular, a poesia heroica na Idade Média, até as mudanças históricas na época moderna, seus efeitos no campo literário e poético, especialmente nos séculos XV e XVI. Um aspecto da obra de Koberstein a ser destacado, e que nos fornece indicações da bibliografia complementar e dos autores analisados em seus cursos, diz respeito aos esforços em disponibilizar uma detalhada lista de referências sobre a literatura alemã, das fontes mais antigas à produção mais recente. Como ele próprio observa no prefácio (KOBBERSTEIN, 1830, p. VI-VII), o que o motivou a escrever a obra foi proporcionar a seus alunos um material bibliográfico de referência, mas também auxiliar os professores do ginásio com um material complementar, sobretudo no que diz respeito à história mais antiga da literatura, suas fontes e referências: “Enquanto aos alunos basta a referência das obras que merecem destaque, assim como uma bibliografia geral, ..., o professor necessita de um rico material para tornar viva a sua aula e se familiarizar com a temática sobre a qual discorre”. O esforço de Koberstein em compor uma lista tão detalhada nos leva a supor que tal bibliografia era comentada e recomendada durante as aulas, o que torna acessível o espectro de autores e de tradições interpretativas com as quais Nietzsche entrou em contato no período de sua formação. Cabe destacar que parte importante da bibliografia comentada nos cursos de Koberstein estava disponível no acervo da biblioteca de Pforta. Assim, por exemplo, alguns dos autores mais citados em sua obra no que diz respeito às antigas sagas e poesias populares, tais como Gervinus e os irmãos Grimm, faziam parte do acervo bibliográfico da escola.¹⁴ O mesmo vale para os autores do romantismo alemão: os irmãos

¹² Vale mencionar, a esse respeito, o relato de Wilamowitz-Möllendorff que, em suas memórias sobre Pforta, comentou que as aulas de Koberstein eram compostas da leitura de longas passagens de seu livro sobre a história da literatura. Cf. HEYER, 1943, p.138.

¹³ Cf. KOBBERSTEIN, 1847, p. V e VI.

¹⁴ Para uma lista de obras que integravam o acervo da biblioteca pfortense a partir de 1857 ver **Katalog der Schülerbibliothek der königlichen Landeschule Pforta**, 1857, p. 3 e 5.

Schlegel, Novalis, Tieck, cada um deles não é apenas objeto de longas notas de rodapé, com minuciosa descrição de seus textos e de suas edições mais recentes, mas parte considerável de suas obras encontra-se disponível na biblioteca (Ibid, p. 5, 12 e 14). Esse é o caso dos *Kritische Schriften* de A.W. Schlegel, coletânea que foi lida por Nietzsche justamente na época em que estudava em seu curso de alemão as antigas sagas germânicas e sua relação com a canção popular na Idade Média.

Os textos lidos por Nietzsche na coletânea acima mencionada foram, como vimos, parte das *Lições sobre belas letras e arte* e o ensaio *Bürger*. Enquanto nas *Lições* Schlegel oferece uma viva exposição dos principais aspectos da primeira estética romântica, no ensaio ele analisa aspectos da obra do poeta Gottfried August Bürger, autor do poema *Lenore*, de enorme sucesso na Alemanha no século XVIII, e a ele atribui o mérito de fazer renascer, através de sua arte e de suas pesquisas, a antiga poesia popular.¹⁵ O que imprime uma tonalidade singular ao excerto de Nietzsche sobre a estética romântica é que ele não parece ter sido motivado por nenhum tema ou trabalho escolar. Segundo os documentos disponíveis, é possível afirmar que o excerto não faz parte das temáticas dos trabalhos escolares registradas nos relatórios do colégio, assim como não guarda relação, ao menos direta, com a ementa do curso de alemão da primeira inferior, voltado como vimos para antiga literatura.¹⁶ Além disso, o estudo do *Sturm und Drang* e da escola romântica compõe a ementa do curso de alemão da primeira série superior, que Nietzsche iria cursar somente no ano seguinte.¹⁷ Mas aí surge uma questão: ainda que o objeto de Schlegel no ensaio em questão seja a obra do poeta moderno Bürger, toda sua interpretação é construída a partir de uma detalhada análise das canções populares antigas, o que permite traçar um primeiro ponto de contato entre o interesse do jovem pelo autor romântico e a antiga literatura alemã tratada na primeira série inferior. Nesse caso, não estando o excerto ligado diretamente à ementa do curso ou aos trabalhos escolares, o interesse pela leitura pode ter nascido de conversas com Koberstein ou mesmo durante seu curso sobre literatura antiga, mas acabou se inserindo e desempenhando um papel no conjunto de estudos independentes do jovem Nietzsche. Para esclarecer tais questões, faremos o exame dos textos independentes de Nietzsche, ou seja, daqueles textos que expressam os interesses do

¹⁵ Para uma detalhada análise desse tema, ver CAVALCANTI, 2017, p.121-148.

¹⁶ Seguem alguns dos temas dos trabalhos: na segunda superior, Wallenstein de Schiller; Meu poeta preferido; A morte de Siegfried segundo os Nibelungos em verso, ao passo que na primeira inferior, Kriemhild segundo os Nibelungos e Pode o invejoso ser feliz? Para uma lista completa dos temas, ver o artigo de BOHLEY, 1976, p. 311-314.

¹⁷ A ementa da primeira série superior: “Visão geral da história da moderna literatura nacional alemã de Opitz ao início do século XIX; correção de redações de alemão e exercícios de livre discussão”, cf. BOHLEY, 1976, p. 306.

jovem, sejam aqueles ligados aos trabalhos escolares que envolviam maior liberdade de escolha, sejam aqueles que nasciam de sua própria iniciativa durante o período que cursou a primeira inferior.

Escritos de Nietzsche e sua conexão com o curso de alemão

Se partirmos dos interesses de Nietzsche no período, que se expressam nos escritos e pesquisas que ele desenvolvia por iniciativa própria ou nos trabalhos escolares de escolha livre, destacam-se o interesse na mitologia e poesia antiga alemã, de um lado, e os estudos de estética da música, de outro, alguns articulados de forma interessante com aspectos das antigas poesias populares. Na primavera de 1862, quando cursava a segunda série superior, Nietzsche elabora como parte dos trabalhos do curso de alemão a poesia *Morte de Ermanarich* e é convidado a declamá-la na festa da escola. Com essa poesia, muito elogiada por Koberstein, Nietzsche obtém a melhor nota da classe, como relata em carta à sua mãe (KSB II, p. 208-209). De fato, um dos tópicos tratados nesta série era a elucidação de passagens da *Canção dos Nibelungos*, que estava ligada a saga de Ermanarich. Esse tema, que era tratado também na série seguinte, como parte dos estudos da antiga literatura nacional alemã, irá despertar crescentemente a atenção do jovem.

O interesse de Nietzsche nas sagas de Ermanarich intensifica-se e vai muito além dos compromissos escolares. Seu fascínio pelo universo trágico dos personagens se traduziu numa série de trabalhos artísticos, como composições musicais, ciclos de poemas e um drama que tematizava a visão de mundo trágico-pagã, que o ocupou ao longo de todo o ano de 1862 (JANZ, 1984, p. 70-82; 80-83). Em outubro do mesmo ano, já na primeira série, Nietzsche redige o trabalho “Descrição do caráter de Kriemhild segundo os Nibelungos” (KGWI 3, p. 38-43) para o curso de alemão. Era costume em Pforta, como mostrou Bohley (1976, p.311-314), os trabalhos de livre elaboração, no qual os professores apresentavam uma lista de temas e os alunos podiam escolher aquele de sua preferência. No trabalho de livre elaboração, Nietzsche disserta sobre as trágicas figuras do antigo mito germânico, articulando narração e análise do caráter. Ele narra o amor de Kriemhild por Siegfried, a traição e morte desse último, o impacto que tal acontecimento tem sobre a personagem, seus trágicos desdobramentos e pelo modo denso como constrói a narrativa, que se move do amor ao desejo de vingança, delineia o caráter da personagem. É curioso que em novembro Nietzsche opte por enviar esse mesmo texto como

contribuição para a *Germania*¹⁸, o que mostra não apenas o seu envolvimento com os temas da escola, mas talvez a tentativa de atenuar o caráter obrigatório dos trabalhos escolares associando-o a um texto produzido espontaneamente e compartilhado com seus amigos.¹⁹

Essa mesma proximidade entre textos ou criações elaboradas por iniciativa própria e os temas escolares aparece de modo significativo no último ano escolar, no qual Nietzsche dedica-se a um trabalho de maior extensão sobre as antigas sagas nórdicas, intitulado “A constituição da saga do rei dos Ostrogodos Ermanarich até o século XII” (BAW II, p. 281-312). Se no ano anterior o jovem expressara artisticamente as sagas de Ermanarich, no último ano esse interesse adquire a forma de um rigoroso trabalho filológico, no qual analisa a saga do rei gótico em suas ramificações segundo as fontes relevantes à época, como Jornandes e Edda.²⁰ Nietzsche refere-se a esse trabalho, concluído em outubro de 1863, como um trabalho elaborado “de forma independente” (KGW I 5, p.53-54), o que significa que fazia parte dos projetos ou trabalhos elaborados no espírito do *Studenttag*, como vimos aquele período no qual o aluno dedicava-se ao estudo ou leitura de temas de seu interesse e escolha. Essa hipótese é corroborada por uma carta escrita por Gersdorff a Peter Gast lembrando o início de sua amizade com Nietzsche em Pforta. Ele relata que seu amigo elaborou, por iniciativa própria, um trabalho de crítica histórica sobre a saga de Ermanarich que encantou de tal modo Koberstein que este “não poupava elogios sobre a erudição, a perspicácia, o dom de combinação e a maestria estilística de seu aluno” (*apud.* JANZ, 1984, p. 83). Percebe-se que os interesses de Nietzsche, testemunhados por suas pesquisas e escritos, se aproximam e se entrelaçam com o tema de suas aulas de alemão do período, voltadas para o estudo da antiga poesia e literatura alemães.

Em uma segunda linha de interesses, ainda no período do inverno de 1862 ao verão de 1863, em que Nietzsche cursava a primeira série inferior, destaca-se o estudo de estética da música. De tais estudos, grande parte esboços de contribuição à *Germânia* ou mesmo motivados por alguma conversa com Krug²¹, restaram pequenos textos e anotações, nem todos completos. Eles permitem, no entanto, traçar, ainda que de modo tênue, uma conexão entre os estudos

¹⁸ Nessa associação, criada em 1860 por Nietzsche juntamente com seus amigos Pindar e Krug, eram discutidos e apreciados poemas, tratados ou obras musicais, enviados mensalmente por cada um dos membros do grupo. Cf. JANZ, 1984, p. 73-75.

¹⁹ Cf. BAW II, p. 220. Para um comentário desse texto ver SCHMIDT, 1994, p. 207.

²⁰ A respeito do interesse de Nietzsche pelas fontes históricas relativas a Ermanarich cf. SILVA, 2018, p. 87-88.

²¹ A afinidade pela música era um importante elo entre Nietzsche e Krug. Foi por meio de Gustav Krug, que levava partituras e apresentava palestras sobre temas wagnerianos na *Germânia*, no período de 1861 a 1862, que Nietzsche conheceu a obra de Wagner. Foi também com ele que Nietzsche teve as primeiras conversas sobre estética musical, particularmente sobre os escritos teóricos de Wagner. Cf. JANZ, 1984, p. 75-77.

musicais e os da mitologia germânica, já que as antigas sagas e canções populares constituíam a matéria a partir da qual se formou a poesia alemã, e assim indicam possíveis caminhos que levam Nietzsche à estética romântica.

Nos textos intitutados pelos editores “Sobre a essência da música”²², Nietzsche comenta as impressões produzidas pela música no ouvinte, seu efeito arrebatador, mas também a descreve como uma experiência visual, um teatro de marionetes. De um lado, a música desperta no ouvinte “sentimentos diversos”, ele é por ela “arrastado inconscientemente”, de outro os sons se alternam e se sucedem adquirindo formas como “bonecos que dançam” em um teatro (KGW I 2, 13(25), p. 473). Nietzsche associa esses diferentes registros da expressividade musical a dois pontos de vista sobre a música – a paixão wagneriana e a visualidade de Albrechtberger –, observando que essas manifestações distintas “devem ter algo em comum”, nelas devemos de algum modo poder vislumbrar “a essência da música” (Ibid, p. 474). O texto seguinte, escrito um ano depois, em 1863, retoma a contraposição acima mencionada, procurando discernir o que diferencia os estímulos acústicos e visuais: enquanto os primeiros correspondem a um sentido interno, pelo qual sentimos a proximidade das coisas, os segundos são externos e objetivos, como que situados distantes de nós. Nietzsche conclui o texto com um comentário sobre o efeito relativo da música no que diz respeito ao compositor e ao ouvinte: o que leva o compositor a criar não é a tentativa de “descrever seu estado de alma”, antes é este “estado de alma que o impele a uma fantasia musical” (KGW I 3, 14 (37), p. 81). Assim, quanto mais envolvido pela fantasia, quanto mais se está sob o domínio do que o entusiasmo, menos lhe é possível avaliar o efeito de sua arte. Já o ouvinte, de acordo com seu estado, pode conceber a música como expressão de um pensamento ou simplesmente senti-la, fruindo o soar das ondas sonoras: “ele pode achar profundo o que para o compositor é trivial, pode buscar pensamentos onde simplesmente eles não existem ou considerar sem significado o que é profundamente sentido” (Ibid). Mas se de um lado a impressão produzida pela arte é “incomensurável”, de outro a sua essência diz respeito à possibilidade de que o ouvinte possa sentir aquele “algo indeterminado” que age sobre o compositor, o impulso criador por ele experimentado. Que o ouvinte possa também sentir o impulso de criação significa que “a melodia é o esboço do geral no particular” (Ibid, p. 82), o todo se une à parte, aí residindo, segundo o jovem Nietzsche, a “mais alta exigência de compreensão da arte” (Ibid, p. 81).

²² Cf. KGW, I 2, 13(25), 13 (26) e 13 (27) e KGW, I 3, 14 (37).

Nietzsche alude, enfim, em um terceiro fragmento, a um tema muito significativo no contexto da poesia popular antiga, abordado por Koberstein em seu curso, que consiste na relação entre música e linguagem:

Considera-se, a partir da ciência da linguagem, que quanto mais antiga uma língua, mais rica ela é em sonoridades e, como tal, mal se pode diferenciá-la do canto. As línguas mais antigas eram também pobres em palavras, elas não consistiam de conceitos gerais, eram as paixões, as necessidades e sentimentos que encontravam no som sua expressão. Pode-se quase afirmar que não se tratava de uma língua de palavras, mas de sentimentos; de qualquer modo, os sentimentos formaram os sons e as palavras segundo a individualidade de cada povo; o sentimento vivo e palpitante trazia o ritmo (KGW I 2, 13 [27], p. 474).

Esse fragmento, que certamente remete ao tema romântico da origem da linguagem, no qual se destacam o elemento sonoro e o caráter metafórico das antigas línguas (SCHLEGEL, 2014, p. 243-246), está em consonância com um dos temas abordados por Koberstein na primeira série inferior, a saber, o da proximidade da antiga poesia com o canto, do qual trataremos a seguir.

Abordagem das antigas sagas e poesias no curso de Koberstein

No volume do *Grundriss* voltado especificamente para o nascimento e desenvolvimento da antiga poesia popular alemã, Koberstein (1847, p. 50-79) expõe detalhadamente os elos que ligam as sagas heroicas e a canção popular no período que vai do século VII ao XII. Ele empreende a análise das mais antigas sagas heroicas, tais como Ermanarich, Dietrich e Siegfried, o modo como lentamente se articulam, formando um conjunto interligado de relatos, e como se convertem nos séculos seguintes na principal matéria da poesia popular. Expõe, ainda, os debates sobre as fontes do período, especialmente aqueles relativos ao caráter histórico ou mítico das sagas, a partir de importantes estudiosos da época, como os irmãos Grimm, Lachmann e Wackernagel (KOBBERSTEIN, 1847, p. 54). Várias seções são dedicadas ao estudo da especificidade da canção popular que floresce na Alemanha no século IX, cujo principal material são as sagas heroicas. Os cantores, que existiam desde tempos muito antigos, partiam das sagas para compor a canção e, assim, desempenhavam o papel não apenas de criar, mas de propagar as canções heroicas, fazendo de sua arte um ofício que era transmitido às novas gerações. Koberstein (1847, p. 73) observa, a esse respeito, que no idioma alemão antigo o termo que designava poeta – *swof* – relaciona-se de modo significativo aos verbos *schaffen* e *schöpfen*, que significam criar. O cantor, que era também poeta, partia da matéria da tradição e compunha em estrofes o poema, indicando, pelo elemento rítmico, a proximidade da poesia e do canto.

Esse aspecto nos leva a uma característica da poesia medieval, especialmente enfatizada na obra aqui em questão: ela era originalmente cantada e os termos cantar (*singen*) e falar (*sagen*) a ela associados eram tidos como uma unidade, designando tanto a “musicalidade da apresentação” quanto a “expressão do pensamento em palavras” (KOBBERSTEIN, 1847, p. 75). Somente com o passar do tempo, os termos foram se separando até se formar entre eles uma oposição, o que provavelmente ocorreu no início do século XII, quando se passou a distinguir rigorosamente a poesia cantada e a declamada ou lida em voz alta. É possível, assim, como indica a análise empreendida por Koberstein a partir dos relatos de Jornandes, afirmar que a poesia antes dessa época não era simplesmente falada, mas sempre cantada e acompanhada de instrumentos.

Para esclarecer a relação dos cantores com as antigas tradições, o autor do *Grundriss* faz uma interessante relação entre a linguagem e as sagas. Assim como o escritor imprime à linguagem uma “formação espiritual”, também a saga necessita do poeta para receber “forma sensível e vitalidade” (KOBBERSTEIN, 1847, p. 77). Nisso, precisamente, consiste a relação dos antigos cantores com as sagas heroicas. Na saga o poeta não apenas encontra a matéria épica à qual dará forma, mas introduz recortes no conjunto herdado, remodelando a tradição, ao mesmo tempo em que torna o objeto da canção compreensível a todos. O poeta escolhe um único acontecimento e o descreve de forma concisa, acrescentando a cada vez um novo elemento, até formar um todo coeso e de vivacidade dramática, capaz “com poucos traços de expressar muito” (Ibid, p. 79). Koberstein (1847, p. 77) enfatiza, ao longo desse capítulo, a concisão e a clareza como importantes traços das antigas canções populares, observando que o poeta demonstrava domínio de sua arte quando era capaz de converter “o episódio escolhido em um todo completo e em si mesmo significativo, que mantém coesa sua unidade interna, configurando uma obra viva e expressiva”.

No final do século X, a partir de um decreto real, iniciou-se a transcrição e registro das canções heroicas e tradições populares, empreendida em geral nos mosteiros, o que contribuiu não apenas para a valorização da saga dos heróis, mas também para o surgimento de inúmeros poemas elaborados a partir das antigas narrativas (Ibid, p. 50-51). Nessa época começam a surgir na Alemanha testemunhos da existência de livros que continham transcrições de canções e de sagas heroicas. A respeito desse episódio histórico, que deu origem na literatura a um vasto debate, Koberstein refere-se a um comentário de A.W. Schlegel, segundo o qual as canções transcritas nesse período pertenciam, em grande parte, ao ciclo de sagas dos Nibelungos. Em suas lições sobre a história da poesia alemã, ministradas no inverno de 1803, e mencionadas por Koberstein (1866, p. 2257) no último volume de seu *Grundriss*, Schlegel volta a se ocupar

com “A Canção dos Nibelungos”, até que oito anos depois publica uma investigação histórica específica sobre o tema.

As aulas de Koberstein sobre as antigas sagas e poesias formam uma espécie de constelação temática, na qual os aspectos filológicos e históricos que esclarecem as antigas sagas se unem a considerações estéticas sobre a poesia nascente, do exame do elemento rítmico e musical do poema à estrutura orgânica da criação antiga. Essa constelação temática aparece, de certa forma, nos textos produzidos por Nietzsche no período, seja nos trabalhos escolares, seja nos de iniciativa própria, que entrecruzam diferentes campos, como história, arte, literatura e filologia. Se, como vimos, a mitologia e a poesia antiga eram temas do curso de alemão que inspiraram inúmeros experimentos artísticos do jovem Nietzsche, também a reflexão sobre a música, nascida em parte das próprias experiências, não deixa de guardar relação com os aprendizados do curso em questão. O que liga as reflexões musicais de Nietzsche com as aulas de alemão é justamente a especificidade do poema cantado e acompanhado de instrumentos, o tipo de efeito estético que ele é capaz de produzir. Enquanto em suas anotações o jovem busca compreender aquilo que é específico aos estímulos acústicos e à música como arte, nas aulas de Koberstein a expressividade da antiga arte popular é associada à unidade entre a poesia e o canto, que combinava de modo engenhoso palavra e ritmo, estrofe e musicalidade. Mas nas aulas é enfatizado, ainda, que para caracterizar as antigas canções populares era preciso destacar um segundo elemento: a concisão e a clareza da expressão. Era esse elemento que, imprimindo à obra unidade interna, lhe garantia também riqueza expressiva. Ora, a concisão e a clareza são os elementos com os quais August Schlegel caracteriza a antiga canção popular e a partir dos quais reflete sobre o caráter orgânico da criação poética.

No ensaio *Bürger*, destacado por Koberstein em seu livro como a melhor expressão da crítica estética romântica, Schlegel desenvolve uma detalhada análise da obra do poeta a partir do horizonte mais amplo das antigas canções populares, considerando-as não apenas do ponto de vista do conteúdo, mas também da forma. As antigas canções, escreve Schlegel (1962, p.140), não foram criadas “intencionalmente para o povo”, mas nasceram “em meio ao povo”, o que é evidenciado por sua forma simples e concisa de expressão, que penetrava facilmente e se inscrevia profundamente na memória. Nas antigas poesias populares, nas quais a ação era tecida com a mais pura intuição, o enredo desdobrava-se por si mesmo, “sem intenção ou consciência” (Ibid, p.142), tornando desnecessária qualquer minúcia na descrição do objeto. Na narrativa, disposta de forma simples, sem excesso de descrições ou ornamentos, nada é demais. Os motivos mais íntimos da ação fluem como que por acaso, enquanto o sentido do todo é introduzido já nas primeiras estrofes por meio de uma primorosa técnica artística.

Schlegel contrapõe a antiga poesia popular à poesia moderna, à tendência de introduzir detalhes e um excesso de explicações que sobrecarregam a narrativa. No centro da oposição entre a arte antiga e moderna encontram-se os conceitos de “simplicidade” e “descrição”. Enquanto a antiga poesia, com sua simplicidade e engenhosa concisão, era capaz de transportar o ouvinte, despertando vivamente sua fantasia, a poesia moderna, sobrecarregada com descrições e artifícios retóricos, introduz na arte uma espécie de “exatidão aritmética” (Ibid, p.148) que aniquila não apenas o seu poder de encantar, mas também toda a surpresa da narrativa.

A maestria artística dos antigos poetas consistia em fornecer ao ouvinte já nas primeiras estrofes todas as pistas necessárias à compreensão, produzindo um efeito de conjunto no qual o todo predominava sobre a parte, o que nos remete a um modo de criação orgânico e instintivo (CAVALCANTI, 2017, p. 134). Em sua análise das antigas canções, August Schlegel não apenas aborda o caráter orgânico da arte popular, mas o introduz como fio condutor de sua interpretação, delimitando a partir dele a relação entre a poesia antiga e moderna. A antiga criação poética é descrita como uma atividade orgânica, como um “movimento em direção ao todo, à disposição, construção articulada e proporção, no qual o particular existe apenas por intermédio do todo” (Ibid, p. 176).

O tema aqui em questão, o do caráter orgânico da criação artística, foi tratado por August Schlegel também em suas *Lições sobre belas letras e arte* e constituía um ponto importante da teoria estética romântica. Koberstein que, como vimos, possuía um vasto conhecimento de tal estética, utiliza aspectos da reflexão romântica sobre a estrutura orgânica da arte para caracterizar a especificidade da criação poética antiga. Embora ele não mencione nessa passagem do livro a estética dos pensadores românticos, já prevista como objeto de minuciosos capítulos dos volumes seguintes, é provável que o tenha feito durante a aula, abordando as considerações do romantismo sobre a mais antigas canções alemãs e sua importância na reflexão sobre a arte popular que surgia no final do século XVIII. Koberstein pode aqui ter mencionado a investigação de August Schlegel acerca da poesia medieval e comentado sobre o artigo *Bürger*, no qual há uma detalhada análise tanto da forma quanto do conteúdo das mais antigas poesias populares alemãs. Se considerarmos que o jovem Nietzsche se ocupou ao longo de todo esse período com aspectos históricos e poéticos das antigas sagas e canções populares, a constelação temática produzida pelas aulas teria força suficiente para despertar o interesse do jovem pelo ensaio de Schlegel, inserido em uma coletânea que, como vimos, fazia parte do acervo da biblioteca pfortense.

Assim, a interpretação da canção popular da Idade Média alemã a partir da teoria estética e dos estudos históricos de August Schlegel delinea uma espécie de rede que conecta, de diferentes perspectivas, a escola romântica às antigas sagas e poesias alemãs. A leitura de textos voltados fundamentalmente para a exposição do pensamento romântico fornece a Nietzsche um material que permite ligar, de modo fecundo, a reflexão sobre as antigas canções populares a seus estudos sobre a especificidade da música, enriquecendo e impulsionando significativamente os estudos independentes do jovem. Como observamos no início deste trabalho, elucidar a rede que conecta o excerto de Nietzsche com as aulas de literatura de Koberstein, esclarecendo o conteúdo do curso e o modo como o jovem com ele interagiu, permite enriquecer o quadro de sua recepção do primeiro romantismo alemão, assim como o horizonte de sua compreensão.

Referências bibliográficas

BARROS, Fernando de Moraes. Um Oriente ao oriente do Oriente: a investigação de Johann Figl. *Cadernos Nietzsche*, 15, 2003, p. 69-81.

BEHLER, Ernst. Nietzsche und die Frühromantische Schule. *Nietzsche-Studien*, 7, 1978, p. 59-96.

BOHLEY, Reiner. Über die Landesschule zur Pforte: Materialien aus der Schulzeit Nietzsches. *Nietzsche-Studien*, 5, 1976, p. 298-320.

BROBJER, Thomas H.: Nietzsche's education at the Naumburg Domgymnasium 1855-1858. *Nietzsche-Studien*, 28, 1999, p. 302-322.

CAVALCANTI, Anna Hartmann. Poesia e linguagem na primeira recepção de Nietzsche dos escritos de August Wilhelm Schlegel. *Cadernos Nietzsche*, 2017, v. 38, n. 2, p. 121-148.

_____. Nietzsche leitor de August Schlegel. In: PASCHOAL, E. e FREZZATTI, W. (org) *120 anos de Para a Genealogia da Moral*. Ijuí: Editora Ijuí, 2008a, p. 47-68.

_____. Arte e natureza em Nietzsche e August Schlegel. *Revista de Filosofia Aurora*, vol. 20, n. 27, 2008b, p. 351-366.

FIGL, Johann. Os primeiros contatos de Nietzsche com o pensamento asiático. Tradução de Fernando de Moraes Barros. *Cadernos Nietzsche*, 15, 2003, p. 83-103.

GILMAN, Sander. Pforta zur Zeit Nietzsches [Dokumentation]. *Nietzsche-Studien*, 8, 1979, p. 398-426.

HEUMANN, Hans. *Schulpforta: Tradition und Wandel einer Eliteschule*. Erfurt: Verlagshaus Thüringen, 1994.

HEYER, Fritz. *Aus der Geschichte der Landesschule zur Pforte*. Darmstadt; Leipzig: Buske, 1943.

JANZ, Curt Paul. *Nietzsche*. Biographie. Vol. 1. Paris: Gallimard, 1984.

KOBERSTEIN, August. *Grundriss zur Geschichte der deutschen Nationalliteratur*. 4ª edição revisada e ampliada, Leipzig: Vogel, volume 1, 1847; volume 2, 1856; volume 3, 1866.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Briefe*. Kritische Studienausgabe in 8 Bänden (KSB) hrsg. v. G. Colli u. M. Montinari. München: Walter de Gruyter, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. *Historisch-kritische Gesamtausgabe* (BAW). Organizado por H. J. Mette & K. Schlechta. Vol. 2, München: 1994.

NIETZSCHE, F. *Werke. Kritische Gesamtausgabe. Nachgelassene Aufzeichnungen* (Herbst 1858 - Herbst 1862). Figl, J. e Hödl, H. G. (org), Berlin/New York: Walter de Gruyter, v. I/2, 2000.

NIETZSCHE, F. *Werke. Kritische Gesamtausgabe. Nachgelassene Aufzeichnungen* (Frühjahr 1868 - Herbst 1869). Figl, J. (org), Berlin/New York: Walter de Gruyter, v. I/5, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Werke. Kritische Gesamtausgabe. Nachgelassene Aufzeichnungen* (Herbst 1862 - Sommer 1864). Figl, J. e Hödl, H. G. (org), Berlin/New York: Walter de Gruyter, v. I/3, 2006.

SCHLEGEL, August Wilhelm. *Doutrina da Arte*. Tradução, apresentação e notas de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Edusp, 2014.

_____ Bürger In: *Kritische Schriften*. Staiger, E. (org). Zürich und Stuttgart: Artemis Verlag, 1962.

SCHMIDT, Hermann Josef. *Nietzsche absconditus: oder Spurenlesen bei Nietzsche. II. Jugend. Interniert in der Gelehrtenschule: Pforta 1858-1864*. Berlin; Aschaffenburg: IBDK-Verlag, 1994.

SILVA, Victor. Algumas das primeiras influências metodológicas de Nietzsche: Entre Schulpforta e a polêmica da Sprach/Sachphilologie In: *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 9, n. 1, p. 82-100, jan./jun. 2018.

Katalog der Schülerbibliothek der königlichen Landeschule Pforta. Naumburg, C. H. Sieling, 1857.